

ALCOOLISMO E PARENTALIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Catarina Kelly Alves SANTOS¹
Adélia Augusta Souto de OLIVEIRA²

Resumo

O uso nocivo do álcool atingiu mais de 10% da população brasileira em 2021, causando 5,3% das mortes mundiais em 2019. Realizou-se uma revisão sistemática de artigos científicos sobre alcoolismo parental, na plataforma SciELO, com os descritores “alcoolismo” e “filhos”; todas as línguas e períodos. Obteve-se 14 artigos nacionais, nas áreas de enfermagem (6); medicina (3); psicologia (3); saúde pública (1) e educação (1). Os resultados interpretativos indicaram duas ênfases argumentativas: fatores de risco e proteção; a utilização de métodos qualitativos e quantitativos; uma amplitude de áreas que estudam a temática; a ênfase no alcoolismo paterno; os participantes dos estudos com crianças e adolescentes e os efeitos do alcoolismo parental em idosos. Conclui-se que a produção acadêmica destaca ser, no ambiente familiar, que o alcoolismo parental pode transformar-se em fator geracional de distúrbios emocionais e comportamentais nos filhos(as), e indicam a necessidade de incluí-los no foco do combate à doença.

Palavras-chave: alcoolismo; filhos; parentalidade; psicologia; revisão sistemática.

1

ALCOHOLISM AND PARENTING: A SYSTEMATIC REVIEW OF THE LITERATURE

Abstract

The harmful use of alcohol affected over 10% of the Brazilian population in 2021, contributing to 5.3% of global deaths in 2019. Within the family environment, parental alcoholism emerges as a generational factor for emotional and behavioral disorders in offspring. A systematic review of scientific articles on parental alcoholism was conducted on the SciELO platform using the descriptors "alcoholism" and "children" in all languages and periods. Fourteen national articles were identified, distributed across nursing (6), medicine (3), psychology (3), public health (1) and education (1). Interpretive results show two focuses: risk factors; use of qualitative and quantitative methods; broad range of studied areas; emphasis on paternal alcoholism; participants including children, adolescents, and effects on the elderly. Conclusively, academia highlights parental alcoholism as a generational factor for emotional and behavioral disorders in children within the family environment and emphasizes the need to incorporate them into the focus of disease prevention.

Keywords: alcoholism; children; parenting; psychology; systematic review.

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, Brasil. E-mail: catarina.santos@ip.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0733-653X>

² Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Instituto de Psicologia, Maceió, AL, Brasil. E-mail: adeliasouto@ip.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5635-1510>

ALCOHOLISMO Y PATERNIDAD: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA LITERATURA

Resumen

El uso nocivo del alcohol afectó a más del 10% de la población brasileña en 2021, contribuyendo al 5,3% de las muertes mundiales en 2019. En el ámbito familiar, el alcoholismo parental se convierte en un factor generacional de trastornos emocionales y conductuales en los hijos(as). Se realizó una revisión de artículos científicos sobre alcoholismo parental en SciELO usando "alcoholismo" y "niños" como descriptores, en todos los idiomas y períodos. Se hallaron catorce artículos nacionales en enfermería (6), medicina (3), psicología (3), salud pública (1) y educación (1). Los resultados muestran enfoques en factores de riesgo, métodos cualitativos y cuantitativos, áreas estudiadas, énfasis en alcoholismo paterno, con participantes niños, adolescentes y efectos en ancianos. La academia resalta el alcoholismo parental como factor generacional de trastornos emocionales y del comportamiento en niños en el entorno familiar y destacan la necesidad de incluirlos en la prevención de enfermedades.

Palabras-clave: alcoholismo; hijos; paternidad; psicología; revisión sistemática.

2

INTRODUÇÃO

De acordo com dados publicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), o uso nocivo do álcool causa, aproximadamente, 3 milhões de mortes por ano, ou seja, representa 5,3% de todas as mortes no mundo. Observa-se ainda que a organização classifica o alcoolismo como uma doença crônica e que se constitui, consequentemente, como um grande problema de saúde pública.

Importante considerar os dados fornecidos pela Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) – pesquisa que faz parte das ações do Ministério da Saúde, a qual busca apresentar um retrato de fatores de risco e proteção de doenças crônicas não transmissíveis na massa populacional do Brasil –, os quais apontam para o aumento na frequência do consumo abusivo das bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias anteriores às pesquisas, entre os anos de 2021 e 2023. Podemos observar que os índices dessa prática, por parte da população brasileira, passaram de 18,3%, em 2021, para 20,8%, em 2023, tendo os homens como parcela constante de sujeitos que exerce maior consumo, representando uma porcentagem de 25%, em 2021, e 27,3%, em 2023; em contraponto com as mulheres que passaram de 12,7% para 15,2%, respectivamente. Apesar da disparidade entre gêneros, observa-se uma constante de crescimento muito parecida, durante o referido período, entre o consumo frequente do sexo feminino (diferença de 2,5%)

e do sexo masculino (diferença de 2,3%); e, mesmo que pequeno, um maior acréscimo dessas atitudes do primeiro grupo citado em relação ao segundo.

Outro estudo que fornece o mapeamento da realidade brasileira, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2019) – entidade federal vinculada ao Ministério de Planejamento e Orçamento que, em resumo, informa dados sobre a população, o território e a economia do país –, é a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE,2019). Essas informações alimentam o Sistema de Monitoramento de Saúde do Escolar, com intuito de auxiliar na gestão de fatores de proteção e de risco no que diz respeito à saúde dos escolares. Esses dados indicaram que o contato com a bebida alcoólica, entre estudantes de 13 a 17 anos, cresceu no período de 2012 a 2019 e os maiores índices foram apresentados na parcela feminina desses jovens.

Estudos sobre o ambiente familiar enfatizam que pais considerados alcoolistas se encontram como possíveis fatores geracionais do alcoolismo nos filhos(as), devido, especialmente, a explicações patogênicas. Essas argumentam, por exemplo, que o risco de desenvolvimento da doença é quatro vezes maior do que em um filho(a) de pais não-alcoolistas. A justificativa decorre, principalmente, pelos impactos psicológicos que o alcoolismo parental acarreta nos descendentes, a exemplo da baixa autoestima, transtorno de conduta, ansiedade, depressão e agressividade (Trindade & Costa, 2012).

Diante do exposto, é perceptível a presença do alcoolismo na sociedade brasileira, mostrando-se como problemática relevante a ser analisada, tendo em vista os dados alarmantes referentes ao consumo da substância por boa parte da população e suas consequências danosas no ambiente familiar/parental para os filhos(as) dos alcoolistas. De acordo com Carias e Granato (2021), geralmente, esses encontram-se em constante estado de sofrimento mental. Sofrimento esse que demanda o acompanhamento psicológico dos(as) filhos(as) de pais que apresentam dependência em substâncias alcoólicas, em especial as crianças, por estarem em situação de vulnerabilidade e de desenvolvimento psicossocial, ou seja, é nessa fase que o sujeito mostra-se mais interativo com o ambiente e com os indivíduos ao seu redor, formando, inicialmente, sua concepção de mundo e maneiras de agir baseadas nessas interações (Vygotsky, 1991), as quais podem ser adoecedoras ou não. Estudos contemporâneos sobre essa temática devem possibilitar uma apropriação das proposições e de seus avanços teóricos, metodológicos e interventivos.

Nessa direção, realiza-se uma revisão sistemática da literatura, utilizando como base, de maneira integral, o banco de dados SciELO, com o objetivo de lançar luz sobre a produção acadêmica e científica da relação entre o alcoolismo parental e seus filhos(as).

DESENVOLVIMENTO

Estratégias metodológicas adotadas

A revisão sistemática de artigos científicos, do tipo metassíntese, privilegiou a base de dados SciELO, em razão de sua ampla divulgação do conhecimento científico produzido. Definiu os descritores “alcoolismo” e “filhos”, unidos pelo operador booleano “AND”, em razão da filtragem estabelecida estar em consonância com os interesses da pesquisa. Optou por todas as coleções de todos os países disponíveis na plataforma, sem restrições de língua de escrita do artigo e de período da publicação. Após o refinamento, com a exclusão de dois artigos duplicados, a amostra resultou em 14 artigos (Rocha & Oliveira, 2022; Ferreira & Oliveira, 2021; Araujo et al., 2021; Canuto & Oliveira, 2020; Trancoso & Oliveira, 2016).

Em seguida, os artigos disponíveis no *site* foram catalogados por área de conhecimento, seguindo informações presentes na revista em que foram publicados, quais sejam: seis (6) na enfermagem, sendo um deles proveniente de revista colombiana e um (1) em língua inglesa; três (3) na medicina, sendo um (1) em língua inglesa, um (1) na saúde pública, um (1) na educação e três (3) na psicologia. Importante destacar que os últimos foram publicados, respectivamente, nos anos de 1998, 2005 e 2021. Na sequência, todos os documentos passaram por um processo de leitura flutuante para que fossem elaboradas a

4

RESULTADOS

Área do conhecimento da Educação

No campo da Educação, o artigo obtido foi de caráter qualitativo e tratou o alcoolismo parental – nesse caso, o alcoolismo paterno – como fator de risco no desenvolvimento dos filhos em uma família a qual estava composta por uma mãe com deficiência intelectual (Postalli et al., 2011). Nesse sentido, foi citado que, de acordo com Landy e Menna (2006), um dos pontos que pode levar uma família a ser considerada de múltiplos riscos é a presença de pais alcoolistas. Tal característica foi identificada na família estudada, resultando na falta de apoio do pai à mãe e na negligência às crianças, uma vez que, inclusive, a figura paterna oferecia bebidas alcoólicas para os menores de idade (Postalli et al., 2011).

Área do conhecimento da enfermagem

No campo da enfermagem, o qual acumula a maior quantidade de artigos encontrados, tendo como maioria pesquisas qualitativas e sendo uma destas uma revisão bibliográfica, o alcoolismo parental é tratado de maneiras distintas. Do total de materiais

obtidos, metade (Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005a; Silva et al., 2012; Silva et al., 2013) destes investigam a problemática em questão numa perspectiva de resiliência, ou seja, abordam não apenas os fatores de risco que filhos(as) de alcoolistas tendem a ser expostos(as), como também os fatores de proteção, isto é, fatores que garantem o desenvolvimento positivo de uma pessoa apesar de esta estar inserida em um contexto adverso, a exemplo, nesse caso, da manutenção da relação saudável do filho(a) para com os membros não-alcoolistas da família, geralmente a mãe, irmãos/irmãs ou avós e, às vezes, até mesmo o próprio pai/mãe alcoolista, quando não encontra-se sob efeito alcoólico; níveis altos de organização no ambiente familiar, gerando uma percepção de controle e estabilidade da família para o filho(a) e a utilização de ambientes que não envolvam a situação estressora – a escola, por exemplo – como um meio de fuga e relaxamento.

Por outro lado, a outra metade (Souza et al., 2008; Martins & Jorge, 2009; Sanches et al., 2016) de artigos encontrados tratam, especificamente, dos fatores de risco presentes no alcoolismo parental, abordando as ameaças à integridade física e mental do feto – referindo-se ao alcoolismo feminino durante a gestação –, como o desenvolvimento da SAF (Síndrome Alcoólica Fetal), que é uma síndrome irreversível que pode levar a malformações craniofaciais, crescimento deficitário e distúrbios no sistema nervoso central (Hoyme et al., 2005) e mudanças na composição de substâncias do leite materno, resultando na redução do consumo deste pelo bebê e, por isso, causando alterações psicomotoras e baixa imunidade (Santos et al., 2014). Também foi identificado, por meio de outro estudo, que a maior parte (91,0% da amostra) das pessoas que cometem violências contra menores de 15 anos são provenientes do próprio contexto familiar, estando a mãe em primeiro lugar (27,8%) e o pai em segundo (27,1%) e, majoritariamente, possuem a condição do alcoolismo como fator agravante (41,1%), sendo esta condição maior nos agressores do sexo masculino (61,3%), segundo Martins e Jorge (2009).

5

Área do conhecimento da medicina

No campo da medicina, todas as pesquisas caracterizaram-se como quantitativas (Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005b; Freire et al., 2005; Faisal-Cury & Menezes, 2006). Os artigos encontrados tratavam o alcoolismo parental, de forma especial, inserido em dois períodos da vida do(a) filho(a): o pré-natal e a infância. Em relação ao primeiro período citado, foi constatado que filhos(as) de mães consumidoras de álcool durante a gravidez apresentaram peso, comprimento e perímetro cefálico menores em comparação com filhos(as) de mães não consumidoras de álcool durante a gravidez (Freire et al., 2005); a ocorrência de SAF (Síndrome Alcoólica Fetal) também foi considerada como consequência do alcoolismo materno durante a fase gestacional (Freire et al., 2005). Já no período da infância, um dos artigos identificou, por meio de um estudo comparativo entre filhos(as) de pais alcoolistas e não-alcoolistas, que os primeiros apresentam autoconceitos em relação ao seu comportamento, aparência física, ansiedade, alegria e satisfação, status intelectual e

popularidade mais baixos do que os segundos (Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005b). Também foram encontradas diminuições significativas na performance acadêmica e nos aspectos comportamentais e emocionais das crianças filhas de alcoolistas em relação àquelas filhas de não-alcoolistas (Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005b).

O artigo de Faisal-Cury e Menezes (2006) tratou da ansiedade puerperal (AP) e os fatores de risco associados a esta, encontrando que maior renda e maior faixa etária da mulher diminuem o risco, ao passo que a presença de intercorrências com o recém-nascido e maior número de filhos vivos aumentam o risco de AP. Entretanto, o estudo não apresentou nenhuma relação direta da AP com o alcoolismo, tendo em vista que as palavras “alcoolismo” e “álcool” não são encontradas no decorrer do texto.

Área do conhecimento da psicologia

No campo da psicologia, a maior parte dos artigos encontrados foram de caráter qualitativo (Hill et al., 1998; Carias & Granato, 2021), sendo apenas um de caráter quantitativo (Souza et al., 2005). Em geral, muito discutiu-se sobre os fatores de risco e efeitos negativos do alcoolismo parental na vida dos(as) filhos(as). No artigo de Hill et al. (1998), foi realizada uma análise semiótica-fenomenológica de filhos(as) adultos(as) de alcoolistas e foi identificado que estes(as), geralmente, encontram-se em uma espécie de sistema fechado, ou seja, não procuram compartilhar a situação vivenciada com outras pessoas; possuem dificuldade em estabelecer relações de confiança, tendo em vista que não conseguem confiar no próprio pai/mãe alcoolista, o(a) qual está sempre variando entre a sobriedade e o estado alcoólico; e vivem diante de uma metaperspectiva, não procurando estabelecer uma relação entre a sua realidade e a realidade do outro, distanciando-se, dessa maneira, de enxergar a realidade conflituosa na qual estão inseridos. O fato de estarem em um sistema fechado e viverem diante de uma realidade abstrata acaba resultando no desenvolvimento de uma linguagem disfuncional, gerando dificuldade na comunicação (Hill et al., 1998).

No artigo de Souza et al. (2005), foi identificado que crianças filhas de alcoolistas não apresentam diferenças cognitivas em comparação com as de não alcoolistas, contrariando estudos como o de Sher (1991), o qual obteve resultados que indicavam a presença de déficit cognitivo nesse grupo, mas apresentam disparidades significativas nos campos emocional – baixa autoestima, timidez, dificuldades de relacionamento, sinais de depressão e retração – e comportamental – irritabilidade, agitação, impaciência, desobediência e dependência na mãe – em relação às últimas. No quesito comportamento, as características informadas foram predominantes na parcela feminina da amostra (Souza et al., 2005). Também foi indicado que os sujeitos citados absorvem modelos de negação e procuram evitar conflitos e, assim, não desenvolvem práticas efetivas para encarar situações estressantes (Souza et al., 2005).

No artigo de Carias e Granato (2021), de caráter qualitativo e com discussão baseada nos conceitos psicanalíticos de Winnicott, os fatores de risco identificados em relação ao alcoolismo parental foram: a submissão dos(as) filhos(as) – adultos(as) e idosos(as) – diante

do pai alcoolista e a ansiedade gerada em decorrência das mudanças de comportamento abruptas deste (Carias & Granato, 2021). Além disso, os(as) filhos(as) de alcoolistas presentes na amostra da pesquisa revelaram, no momento da dinâmica qualitativa psicanalítica, tentativas de integração nas experiências vividas por meio do uso de estratégias defensivas como forma de sobrevivência emocional e de protagonismo na própria história. Dentre essas estratégias, destacam-se: a maturidade emocional precoce, a convivência com pessoas significativas como forma de suporte confiável, as estratégias de confronto com o pai alcoolista e o estado de vigília dos(as) filhos(as) como tentativa de manter a harmonia do ambiente familiar (Carias & Granato, 2021). Foi tido como fator limitante o fato de todos os participantes da pesquisa serem membros da Al-Anon, demonstrando, consequentemente, percepções mais amadurecidas diante das situações postas como conflitantes em ambientes que incluem os pais alcoolistas (Carias & Granato, 2021).

Área do conhecimento da saúde pública

Na saúde pública, o único artigo referente ao alcoolismo parental é de caráter quantitativo e, nele, Poton et al. (2018) aborda a relação entre os problemas de comportamento internalizantes – insegurança, medo, ansiedade, humor deprimido etc. –, externalizantes – hiperatividade, agressividade, impulsividade etc. – ou ambos, de indivíduos no início da adolescência (11 anos) e o consumo de substâncias, a exemplo do álcool, aos 15 anos de idade. Foi constatado que adolescentes com problemas de comportamento externalizantes apresentam maior risco para ingestão abusiva de bebidas alcoólicas (Poton et al., 2018). A experimentação e o consumo recente de álcool foram muito frequentes naqueles indivíduos cujas mães também consumiam bebidas alcoólicas (Poton et al., 2018).

7

DISCUSSÃO

Podemos asseverar, a partir dos textos descritos anteriormente, duas ênfases argumentativas a respeito dos impactos do alcoolismo parental: uma delas que se refere aos fatores de risco e a outra referente aos fatores de proteção. Guardados os devidos cuidados relacionados à delimitação da amostra, fruto dos critérios de seleção já descritos, observamos uma predominância de artigos preocupados com os fatores de risco, sendo o debate em relação aos fatores de proteção ainda escasso no campo científico nacional.

Em relação à escolha de método adotada pelos autores em suas pesquisas, observamos quantidades iguais de artigos quantitativos e qualitativos sobre o tema em questão, sendo sete de cada tipo. Podemos destacar a relevância dos estudos, em número de publicações em diferentes áreas, da autora Daniela Viganó Zanoti-Jeronymo, a qual participa da produção de três estudos diferentes em três áreas de conhecimento distintas (Souza et al., 2005; Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005a; 2005b).

Um achado que surpreende e merece uma reflexão a ser desenvolvida, em pesquisa posterior, é a ausência de publicações sobre o tema, na área da psicologia, durante 16 anos, de 2005 a 2021. Algumas investigações, que se encontram em andamento, buscam identificar os caminhos que os estudos da psicologia, relativos ao tema, trilharam com as políticas públicas de saúde mental nesse período.

Ainda no campo de produção acadêmica da psicologia, podemos observar que se sobressaem a restrição dos estudos ao alcoolismo paterno (Hill et al., 1998; Souza et al., 2005; Carias & Granato, 2021); a ênfase da maioria dos manuscritos na faixa etária de crianças e adolescentes; a apresentação dos efeitos do alcoolismo parental em idosos apenas no estudo de Carias e Granato (2021) e o baixo quantitativo de sujeitos nas amostras das pesquisas, evidenciando a necessidade de novos estudos sobre essa temática.

Fatores de risco do alcoolismo parental

Em relação aos fatores de risco decorrentes do alcoolismo parental, podemos destacar que os artigos enfatizam a negligência e violência parental; os impactos biológicos no desenvolvimento; as consequências emocionais e comportamentais negativas, e o ambiente instável.

Quanto à negligência parental, explícita no artigo de Postalli, et al. (2011), do campo da educação, é perceptível a violação dos direitos das crianças, levando em consideração que, de acordo com o Artigo 5º da Lei N°8.069 (1990), nenhuma criança deveria ser objeto de qualquer forma de ato negligente, sendo a dependência alcoólica do pai, no cenário apresentado, uma das causas dessa transgressão. O contato precoce e arbitrário com a bebida alcoólica, viabilizado pelo pai dependente, também se constitui como fator de risco para o desenvolvimento do alcoolismo nas crianças inseridas no contexto, tornando-as ainda mais vulneráveis por uso de substância psicoativa (PNAS, 2004, p. 33); bem como um ato criminoso por fornecer, sem justa causa, o líquido alcoólico para os menores (Lei N°8.069, 1990, artigo 243).

No que se refere à violência parental, o estudo de Martins & Jorge (2009), do campo da enfermagem, demonstra a destacada importância do debate a respeito dessa problemática, geralmente agravada pelos efeitos do álcool no dependente. Esse contexto pode causar, muitas vezes, implicações físicas graves nas vítimas e, consequentemente, sequelas psicológicas, como exposto por Andrade et al. (2020). Os autores enfatizam a existência de impactos negativos à saúde física e mental das pessoas afetadas em contextos de violência intrafamiliar. Uma discussão relevante deste estudo refere-se a uma pesquisa de corte transversal realizada em Londres, onde foi constatado que o consumo abusivo do álcool aumenta, significativamente, com o aumento no número de experiências violentas sofridas durante a vida (Kadra et al., 2014 como citado em Andrade et al., 2020). Tal situação pode ser explicada, possivelmente, pelas alterações comportamentais em decorrência das sensações de medo, ansiedade, insegurança e instabilidade, gerando uma maior adoção de hábitos

nocivos, como o alcoolismo (Wright et al., 2004 como citado em Andrade et al., 2020). Essa conclusão está congruente ao que foi encontrado no artigo de Poton et al. (2018), no campo da saúde pública, onde foi observado que adolescentes com problemas de comportamento, majoritariamente os externalizantes, possuem mais risco para o consumo abusivo da substância alcoólica.

Portanto, é importante que se discutam os impactos, riscos e agravamentos trazidos pelo alcoolismo parental nos processos educacionais que virão a formar a identidade e comportamento dos sujeitos. Aqui, nos referimos aos filhos(as) menores de idade, tendo em vista a posição de vulnerabilidade destes perante as situações nas quais são inseridos(as) por meio de seus responsáveis. Vulneráveis, tanto por sua condição de pessoa em desenvolvimento, quanto pela consequente fragilidade dos vínculos familiares (PNAS, 2004, p. 33), gerada pela circunstância em questão.

Paralelamente, é trazido à tona, no caso da violência, o tamanho dos danos causados pelo alcoolismo parental, sendo um fator que pode trazer perdas para o filho(a), devido ao contexto abusivo. Esse, por sua vez, pode levar ao próprio desenvolvimento da dependência alcoólica como fuga da situação anterior e, ainda, à repetição dos atos violentos. Nesse sentido, podemos citar o estudo de Gershoff (2013), onde foi encontrada uma associação entre a violência física cometida pelos pais e o aumento da agressividade nas crianças. Constata-se, então, o poder geracional do alcoolismo parental, funcionando como um fator que influencia não só no desenvolvimento da doença em si, mas, especialmente, em uma cadeia de outros fatores que estão atrelados à condição.

9

Em referência aos impactos biológicos no desenvolvimento dos filhos(as), os escritos de Souza et al. (2008) e Sanches et al. (2016), da área da enfermagem, e Freire et al. (2005), do campo da medicina, demonstram que, além dos fatores de risco de origem primária psicológica causados pelo alcoolismo parental, há também os de origem puramente biológica, adquiridos durante a gravidez. Verificamos que os referidos artigos evidenciam a importância do combate por meio de intervenções ligadas tanto aos fatores de risco, como aos de proteção ao alcoolismo e ao consumo abusivo do álcool. Nesses casos, em específico, ligados às mulheres na fase gestacional, visando a prevenção de situações como a ocorrência da SAF durante a gestação materna, a qual é irreversível, ou as mudanças químicas na composição do leite materno. Esse fato impossibilita que o bebê venha a ter um crescimento digno e saudável.

A presente discussão manifesta-se ainda mais relevante atualmente ao resgatarmos os dados, já citados anteriormente, em relação ao aumento da frequência do consumo abusivo da bebida alcoólica pelas mulheres (Ministério da Saúde, 2021; 2023). O debate sobre o alcoolismo feminino também se mostra importante devido à ampliação no número de óbitos e internações atribuíveis ao álcool entre esse gênero de 2010 a 2021, como divulgado pelo Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA, 2023).

Acerca das consequências emocionais e comportamentais, houve convergências entre os artigos em relação aos seguintes pontos: distúrbios de autopercepção e dificuldade em

manter relacionamentos. O artigo de Zanoti-Jeronymo & Carvalho (2005b), do campo da medicina, aborda distúrbios de autoconceito em filhos(as) de alcoolistas, sendo um fator de importante discussão. Essa afirmação considera que uma autopercepção negativa de saúde é um importante preditor de mortalidade entre os jovens, o que apresenta riscos elevados se comparados àqueles com uma autopercepção de saúde positiva (Burstrom & Fredlund, 2001 citado por Cureau et al., 2013). Observou-se perturbações na autopercepção, relacionada ao reconhecimento da integração, por parte do descendente, em contexto do alcoolismo parental (Hill et al., 1998), o que pode representar uma tentativa de fuga da situação aversiva e camuflagem da realidade. Salienta-se que, em relação aos jovens que praticam o consumo abusivo do álcool, também são encontradas disfunções perceptivas causadas, principalmente, pelo fato de que a prática é, muitas vezes, associada à desinibição, à melhora nas relações, à sensação de relaxamento e de pertencimento dentro dos grupos sociais. Desse modo, isso justifica a não percepção destes atos por parte dos adolescentes como fatores de risco para diversas doenças, o que constitui um ponto de alerta, no que tange ao problema do alcoolismo em si (Cureau et al., 2013; CISA, 2023).

Sobre a dificuldade de manter relacionamentos, foi verificado, em artigos da psicologia (Hill et al., 1998; Souza et al., 2005), que filhos(as) de pais/mães alcoolistas encontram obstáculos, no que diz respeito a criação de vínculos com os genitores/responsáveis e com outras pessoas situadas em seu círculo social e familiar. Esse fato pode gerar desconfiança e retração perante as pessoas; desenvolvimento de dificuldades nos processos de comunicação; absorção de modelos de negação e evitação de conflitos, o que pode influenciar no enquadramento da administração de estratégias para a resolução de problemas como um obstáculo. De acordo com o estudo de Freitas et al. (2020), a respeito da influência das relações familiares na saúde e emoções dos adolescentes, o fator de risco revelou possuir um grande peso no estado emocional e comportamental desses indivíduos, havendo, respectivamente, uma relação negativa entre esses agentes, pois “a família é um sistema ativo e suas mudanças funcionam como mecanismos de desenvolvimento para os membros que a constituem” (Freitas et al., 2020, p. 105). Tal constatação converge com o que foi encontrado em relação às consequências negativas, nos campos comportamental e emocional, com relação aos sujeitos em foco, uma vez que estes evidenciaram disparidades de comportamento e quesitos emocionais – ansiedade, depressão, irritabilidade, agitação, entre outros – quando comparados com filhos(as) de pais não alcoolistas (Souza et al., 2005).

Com relação ao meio que envolve o alcoolismo parental, as características de um ambiente constantemente instável, abusivo, confuso, estressante, violento e que apresenta comportamentos imprevisíveis pelos pais alcoolistas foram, igualmente, identificadas como presentes nesse contexto adverso, na maioria dos artigos obtidos. Este fator deve ser posto em relevância, dado que, como foi discutido anteriormente, todas as suas particularidades resultam em riscos seja para o desenvolvimento comportamental, seja para o desenvolvimento emocional do(s) sujeito(s) em questão.

Fatores de proteção do alcoolismo parental

Os fatores de proteção, inseridos no contexto do alcoolismo parental, evidenciados pelos resultados encontrados foram: apoio ao filho(a), tanto profissional como familiar; maturidade precoce; ambiente familiar estável e habilidades comportamentais preservadas.

O debate acerca dos fatores de proteção direcionados para filhos(as) de alcoolistas denuncia o constante foco da literatura na patologia, o que contribui para a falta de apreciação dos esforços individuais e familiares no enfrentamento de adversidades. Por vezes ignora-se a presença de comportamentos resilientes nos indivíduos em questão, os quais, caso sejam colocados em evidência, auxiliam na criação de condições para suprir as carências nos processos de desenvolvimento dos sujeitos (Trindade & Costa, 2012).

Por meio da revisão dos artigos encontrados, identificou-se uma convergência nas conclusões de todos os artigos encontrados, exceto os estudos de Faisal-Cury & Menezes (2006) e Freire et al. (2005), ambos da medicina, e Martins & Jorge (2009), da enfermagem, no que diz respeito à necessidade e à importância da inclusão e consideração dos filhos(as) de alcoolistas nos processos de prevenção e tratamento do alcoolismo, uma vez que esse público é, geralmente, negligenciado, onde o foco é direcionado única e totalmente para o(a) alcoolista. Isso demonstra a urgência da atuação, não somente, mas em especial, da Psicologia, como fator de proteção, no enfrentamento dos agravantes psicológicos do alcoolismo parental nos filhos(as), tendo em vista que a problemática é intergeracional e afeta não apenas o(a) dependente, mas todo o núcleo familiar.

11

No que se refere ao apoio familiar, foi identificado nos estudos de Silva et al. (2012), Silva et al. (2013) e Zanoti-Jeronymo & Carvalho (2005a), do campo da enfermagem, que esse agente é de grande relevância para a proteção dos filhos(as) de alcoolistas. Isso pode ser explicado, novamente, por Freitas et al. (2020), uma vez que a família possui indispensável influência – positiva ou não – no desenvolvimento dos indivíduos. Destacou-se, nos manuscritos, que a figura materna representa um fator de proteção para os filhos(as) em situações nas quais o pai é o dependente alcoólico, servindo como refúgio e como opção de estabelecimento de relações confiáveis e saudáveis. Essa identificação converge com o que foi constatado por Trindade & Costa (2012) sobre a importância da mãe não alcoolista na manutenção do equilíbrio da família e no desencadeamento das atitudes resilientes nos filhos(as). Neste estudo, foi citado que “as características emocionais e comportamentais de crianças filhas de alcoolistas, tais como timidez, retraimento e insegurança, possivelmente contribuem para que estas crianças sejam agarradas às mães” (p. 184). Isso pode ser justificado, por exemplo, pelo fato de que, muitas vezes, os companheiros são colocados em uma posição periférica, sendo o relacionamento mãe-filho(a) intensificado em comparação com o pai; entretanto, essa conexão, geralmente, causa, nos filhos(as), uma relação de

codependência com o membro alcoolista, pois, tal qual a mãe, passam a viver em função da instabilidade do ciclo sobriedade-embriaguez (Trindade & Costa, 2012).

Vale informar que Souza et al. (2005) citaram, esporadicamente, a aproximação à figura materna como fator de proteção. No entanto, na hipótese de que as mães não tenham tempo e disposição psicológica para atender aos filhos(as), tal situação pode moldar dependência e insegurança nestes(as). Essa dependência pode ser um fator dificultador no desenvolvimento de resoluções de problemas (Souza et al., 2005).

O amadurecimento precoce foi tratado, igualmente, como fator de proteção, pois, diante da instabilidade do ambiente familiar, os filhos(as) assumem o papel em relação às responsabilidades parentais como forma de estratégia de sobrevivência (Carias & Granato, 2021). No entanto, ressalta-se que “a maturidade é sinônimo de saúde mental somente quando acompanha o ritmo do desenvolvimento emocional do indivíduo, sem os sobressaltos das intrusões que interrompem o viver e convocam reações/defesas” (Carias & Granato, 2021, p. 10).

Um ambiente familiar caracterizado por promover atos responsáveis e manutenção de uma organização estável – hábitos de rotina pré-estabelecidos, por exemplo – por parte, principalmente, do membro não-alcoolista, resulta, na maioria das vezes, na diminuição dos impactos do alcoolismo parental, pois o filho(a) sente que possui controle pessoal. Isso possibilita que este(a) se autoadministre, sem sofrer muitas interferências da instabilidade do responsável alcoolista (Zanoti-Jeronymo & Carvalho, 2005a).

12

Souza et al. (2005) indicam importantes habilidades comportamentais preservadas, encontradas em crianças, inseridas em contextos marcados pelo alcoolismo parental. São fatores de proteção “o desempenho cognitivo dentro da média, comportamentos de regulação fisiológica (sono, alimentação, digestão-eliminação) adequados, bom desenvolvimento na área da linguagem e a não-apresentação comportamento antissocial (não roubar, não falar mentira)”. (p. 197). Essas habilidades permitem o crescimento emocional e comportamental das crianças, mesmo em ambientes adversos.

Os fatores de proteção são apontados pelos autores como indicativos de superação de dificuldades em ambientes de risco. Importante considerar a atuação psicossocial nesse enfrentamento do uso exacerbado do álcool pelos familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere aos campos de conhecimento, podemos considerar que os artigos na área da enfermagem, majoritariamente qualitativos, apontam a resiliência para conviver em ambiente hostil ou destacam aspectos de risco familiar, especialmente a violência intrafamiliar. Na medicina e saúde pública, houve predominância de estudos quantitativos, os quais evidenciaram estudos que relacionam a ingestão de álcool e as doenças daí decorrentes. Os artigos no campo da educação e da psicologia se caracterizaram pela metodologia

qualitativa e destacam os fatores de risco e indicam fatores de proteção às crianças que se desenvolvem em ambientes hostilizados pelo alcoolismo parental.

Considera-se ainda, uma carência de estudos que envolvam o aspecto relacional entre alcoolismo parental e filhos(as) de pais alcoolistas na literatura científica brasileira. Identificou-se que, durante 16 anos, não havia publicação na área do conhecimento da psicologia. Destaca-se que a maioria dos estudos obtidos utilizaram apenas referências bibliográficas internacionais, ou seja, confirma-se a falta de artigos nacionais sobre o tema em questão e de pesquisas em relação ao alcoolismo parental que envolvam participantes brasileiros.

Pode-se concluir a predominância do debate a respeito dos fatores de risco, em contraposição aos estudos que enfatizem os fatores de proteção e de resiliência. Isso indica a necessidade de ampliação de estudos nacionais voltados a esses recursos protetivos, visando desestigmatizar os impactos do alcoolismo parental nos filhos(as) e encontrar estratégias mais eficazes para o enfrentamento dessa problemática. Houve também prevalência de artigos, referentes ao alcoolismo paterno e à faixa etária de crianças e adolescentes, sendo importante ampliar o escopo de participantes dos estudos, visto a complexidade da temática abordada.

Evidencia-se por fim, a relevância da discussão sobre a importância do acompanhamento psicológico direcionado não apenas para os pais dependentes do álcool, mas também para seus filhos(as), uma vez que estes sofrem diretamente com as consequências provenientes da doença de seus genitores, o que poderia romper com o ciclo de repetição intergeracional. Para isso é imprescindível que se preencha a lacuna existente na literatura da psicologia, especialmente.

13

REFERÊNCIAS

Andrade, A. B., Azeredo, C. M. & Peres, M. F. T. (2020). Exposição à violência comunitária e familiar e autoavaliação de saúde na população brasileira. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(e200039), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1980-5497202000039>

Canuto, L. T. & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26(1), 83-102. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>

Carias, A. R. & Granato, T. M. M. (2021) O Sofrimento Emocional de Filhos de Alcoolistas: Uma Compreensão Psicanalítica Winnicottiana. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(3), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218542>

Centro de Informações sobre Saúde e Álcool – CISA. (2023). *Álcool e a Saúde dos Brasileiros: Panorama 2023*. https://cisa.org.br/images/upload/Panorama_Alcool_Saude_CISA2023.pdf

Santos, C. K. A., & Oliveira, A. A. S. (2024). Alcoolismo e parentalidade: uma revisão sistemática da literatura. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 3, e024001.

Constituição da República Federativa do Brasil. (1988). *Lei N°.8069* (Estatuto da Criança e do Adolescente, artigos 5º e 243). https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Cureau, F. V., Duarte, P. M., Santos, D. L. & Reichert, F. F. (2013). Autopercepção de saúde em adolescentes: prevalência e associação com fatores de risco cardiovascular. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 18(6), 750-760. <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v.18n6p750>

Faisal-Cury, A. & Menezes, P. R. (2006). Ansiedade no puerpério: prevalência e fatores de risco. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 28(3), 171-178. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032006000300006>

Ferreira, R. M. & Oliveira, A. A. S. (2021). Temática deficiência em grupos de pesquisa em psicologia do CNPQ. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 22(00), 1-17. <https://doi.org/10.30715/doxa.v22i00.14392>

Freire, T. de M., Machado, J. C., Melo, E. V. & Melo, D. B. (2005). Efeitos do consumo de bebida alcoólica sobre o feto. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 27(7), 376-381. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032005000700002>

14

Freitas, P. M., Costa, R. S. N., Rodrigues, M. S., Ortiz, B. R. de A. & Santos, J. C. (2020). Influência das Relações Familiares na Saúde e no Estado Emocional dos Adolescentes. *Revista Psicologia e Saúde*, 12(4), 95-109. <https://doi.org/10.20435/pssa.vi.1065>

Gershoff, E. T. (2013). Spanking and Child Development: We Know Enough Now to Stop Hitting Our Children. *Child Development Perspectives*, 7(3), 133-137. <https://doi.org/10.1111/cdep.12038>

Hoyme, H. E., May, P. A., Kalberg, W. O., Kodituwakku, P., Gossage, J. P., Trujillo, P. M., Buckley, D. G., Miller, J. H., Aragon, A. S., Khaole, N., Viljoen, D. L., Jones, K. L. & Robinson, L. K. (2005). A practical approach to diagnosis of fetal alcohol spectrum disorders: clarification of the 1996 Institute of Medicine criteria. *Pediatrics*, 115(1), 39-47. <https://doi.org/10.1542/peds.2004-0259>

Hill, E., Gauer, G. & Gomes, W. B. (1998). Uma análise semiótico-fenomenológica das mensagens auto-reflexivas de filhos adultos de alcoolistas. *Psicologia: reflexão e crítica*, 11(1), 93-110. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000100006>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021). *Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar: 2019*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2101852&view=detalhes>

Martins, C. B. de G. & Jorge, M. H. P. de M. (2009). Maus-tratos contra crianças e adolescentes em município do sul do Brasil: características dos agressores. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 8(3), 419-427. <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v8i3.9024>

Ministério da Saúde. (2019). PeNSE. Gov.br. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/pense>

Ministério da Saúde. (2022). *Vigitel Brasil 2021: Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vigitel/vigitel-brasil-2021-estimativas-sobre-frequencia-e-distribuicao-sociodemografica-de-fatores-de-risco-e-protecao-para-doencas-cronicas/view>

Ministério da Saúde. (2023). *Vigitel Brasil 2023: Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vigitel/vigitel-brasil-2023-vigilancia-de-fatores-de-risco-e-protecao-para-doencas-cronicas-por-inquerito-telefonico/view>

15

Ministério da Saúde. (2023). Vigitel. Gov.br. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/v/vigitel#:~:text=O%20Vigitel%20C3%A9%20o%20inqu%C3%A9rito>

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2005). *Política Nacional de Assistência Social* (2004, p.33). Secretaria Nacional de Assistência Social. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf

Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). Álcool. OPAS/OMS. <https://www.paho.org/pt/topicos/alcool>.

Postalli, L. M. M., Munuera, R. F. & Aiello, A. L. R. (2011). Caracterização de família de mãe com deficiência intelectual e os efeitos no desenvolvimento dos filhos. *Revista Brasileira de educação especial*, 17(1), 37-52. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000100004>

Poton, W. L., Soares, A. L. G. & Gonçalves, H. (2018). Problemas de comportamento internalizantes e externalizantes e uso de substâncias na adolescência. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(9), e00205917. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00205917>

Santos, C. K. A., & Oliveira, A. A. S. (2024). Alcoolismo e parentalidade: uma revisão sistemática da literatura. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 3, e024001.

Rocha, M. L. B. & Oliveira, A. A. S. (2022). As concepções de Intersexualidade: estudo crítico da produção científica em Psicologia. *Revista Interamericana de Psicologia*, 56(2), 1-22. <https://doi.org/10.30849/ripijp.v56i2.1689>

Santos, J. G., Lima, J. M. B. & Santos, R. S. (2008). Alcoolismo feminino: subsídios para a prática profissional da enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12(4), 622-629. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452008000400003>

Santos, J. N., Souza, E. de F. M., Aquino, A. P., Suano, E. R. & Tandrafilov, A. Z. (2014). A orientação de enfermagem a gestantes que fazem uso de álcool e tabaco. *Revista Científica de Enfermagem*, 4(10), 05-11. <https://doi.org/10.24276/rrecien2358-3088.2014.4.10.5-11>

Sher, K. J., Walitzer, K. S., Wood, P. K., & Brent, E. E. (1991). Characteristics of children of alcoholics: Putative risk factors, substance use and abuse, and psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 100(4), 427–448. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.100.4.427>

Silva, P. A., Silva, M. R. S. & Luz, G. dos S. (2012). Interações protetoras em famílias de alcoolistas: bases para o trabalho de enfermagem. *Revista Enfermagem Uerj*, 20(2), 191-196. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/4043>

16

Silva, P. A., Silva, M. R. S. & Vaz, M. R. C. (2013). Características pessoais de filhos de alcoolistas: um estudo na perspectiva da resiliência. *Avances en Enfermería*, 31(2), 92-100. <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/74488>

Souza, J. G., Lima, J. M. B. & Santos, R. S. (2008). Alcoolismo feminino: subsídios para a prática profissional da enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12(4), 622-629. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452008000400003>

Souza, J., Jeronymo, D. V. Z. & Carvalho, A. M. P. (2005). Maturidade emocional e avaliação comportamental de crianças filhas de alcoolistas. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 191–199. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000200005>

Trancoso, A. E. R. & Oliveira, A. A. S. (2016). Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(2), 278-294. http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/1747

Trindade, E. M.V. & Costa, L. F (2012). Considerações sobre a Resiliência de Adolescentes Filhos de Alcoolistas no Contexto Familiar. *Revista Comunicação em Ciências da Saúde*, 24(2), 179-188. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-755262>

Vieira, L. de A., Oliveira, A. A. S., Falcão, C. A. & Miura, P. O. (2021). Metassíntese da Temática Adoção em Revistas de Psicologia Qualis A. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 10(1), 24-43. <https://doi.org/10.60114/rbtf.v10i1.16>

Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (4a ed.). Martins Fontes.

Zanoti-Jeronymo, D. V. & Carvalho, A. M. P. (2005a). Alcoolismo parental e suas repercussões sobre crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. *Revista Eletrônica Saúde Mental e Drogas*, 1(2), 1-15. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v1i2p01-15>

Zanoti-Jeronymo, D. V. & Carvalho, A. M. P. (2005b). Self-concept, academic performance and behavioral evaluation of the children of alcoholic parents. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(3), 233-236. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462005000300014>

Recebido em: 18/01/2024

Reapresentado em: 23/04/2024

Aprovado em: 06/05/2024

SOBRE AS AUTORAS

17

Catarina Kelly Alves Santos é graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), campus A.C. Simões. Participante do programa de monitoria do curso de Psicologia pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFAL. Participante de Projeto de Extensão na brinquedoteca hospitalar do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA).

Adélia Augusta Souto de Oliveira é Professora Titular do Instituto de Psicologia, nos cursos de Pós-Graduação em Psicologia e Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas. Doutora em Psicologia Social (PUC-SP) com estágio pós-doutoral em educação na Universidade do Minho (Portugal) e em Psicologia Social na Universidade de Barcelona (Espanha). Pesquisadora do NEES-Ufal e “Epistemologia e a Ciência Psicológica” CNPq.